



Jornalista e correspondente da Radio France Internationale, de Paris, e da rádio Eldorado AM, de São Paulo. Contato: touegg@gmail.com

GABRIEL TOUEG, de Israel

Segunda Guerra do Líbano: e agora?

Já posso dizer que atravessei toda uma guerra em Israel. Estou no país há dois anos e estive aqui durante os trinta e poucos dias da “Segunda Guerra do Líbano”, como ficou conhecido o conflito com o Hezbollah, detonado com o seqüestro de dois soldados na metade de julho. Na minha primeira visita à “terra do leite e do mel”, há quatro anos, presenciei todo o fragor nos conflitos da Intifada – seqüências de atentados terroristas em diferentes locais do país.

Eu nunca tinha vivido uma guerra. Nem eu, nem muitos dos habitantes que aqui nasceram ou chegaram ao país nos últimos 15 anos, desde a primeira Guerra do Golfo. A propósito, já tinha inclusive comprado passagem e feito as malas para passar uma temporada no Brasil, mas a escalada do conflito entre Israel e o Hezbollah me fez mudar de idéia e ficar para acompanhar profissionalmente e de perto os acontecimentos.

Em vez de tomar um avião para São Paulo, rumei norte – de carro – nos primeiros dias dos pesados ataques contra Israel. Estive nas cidades que preencheriam as manchetes dos jornais israelenses e internacionais nas semanas seguintes – Haifa, Naharia, Metula, Kiriati Shmona e por todo o Vale do Huleh, descendo então até Tibérias... Lá no norte senti de perto algo que, morando e trabalhando em Jerusalém, não poderia sentir: a guerra, ela mesma.

Acampado em um moshav a três quilômetros da fronteira com o Líbano, tremi ao som

dos disparos seguidos dos obuses israelenses. Apreendi, ouvindo os disparos, a identificar de onde vinham, para onde iam. Os projéteis israelenses rasgam o céu e se afastam. Os ameaçadores Katyushas chegam acompanhados de um silvar e logo, um intenso “boom” contra o alvo.

Vale dizer que os alvos dos mísseis do Hezbollah – mais de 4 mil durante toda a guerra – são incertos até o momento da queda seguida por uma explosão. Poderia ser um edifício ou um dos 1,7 mil veículos destruídos na campanha. Poderia até, como foi em muitos casos, ser uma pessoa que não chegou ao abrigo em tempo ou que simplesmente ignorou o alerta – mulheres e crianças, inclusive.

Existe uma emoção especial na cobertura de guerra. De longe ninguém entende a tensão que se estampa em um rosto, por mais acostumado que esteja com guerras, quando a sirene avisa um míssil caindo. De longe, ninguém entende tampouco que não se sente a guerra nos locais onde os foguetes não alcançam – ou onde a geopolítica não os deixa chegar – como Jerusalém ou Tel Aviv.





Muitas vezes senti uma bronca ao perceber como os israelenses dessas cidades ignoravam, de certa forma, os acontecimentos de poucos quilômetros mais ao norte, embora as televisões e os rádios estivessem sempre ligados e antenados.

Mesmo assim, a sensação de que Israel saiu num “empate-perdedor” dessa guerra é muito forte agora por aqui. Não apenas pelo alto número de soldados mortos em um conflito relativamente curto, contra um grupo terrorista e não contra um exército constituído, mas também pelo fato de que os objetivos das operações não foram todos atingidos.

O Hezbollah ainda se sente forte e continua intransigente. Poucos dias depois da implementação da resolução 1.701 da ONU, o grupo deu sinais de que se recusaria a entregar as armas, o que implica na demora para a mobilização e o desembarque de forças internacionais no sul do Líbano.

E se as contas dos Serviços de Inteligência israelenses estavam certas, o grupo libanês tem ainda perto de 8 mil mísseis dos 12 mil iniciais – apontados para Israel e esperando alguém acionar o disparador – seja Nasrallah, seja algum membro do grupo

querendo atear novo fogo à região. Os israelenses se perguntam também pelo paradeiro dos soldados seqüestrados, sobre quem ainda não se tem qualquer informação concreta.

Israel está agora em uma verdadeira encruzilhada, imposta pelo cessar-fogo da ONU. Politicamente, existe o entender de que se não recuperar os soldados e então não voltar pesadamente à guerra contra o Hezbollah, o governo do premiê Ehud Olmert pode até cair.

Isso pode significar o fim ou o adiamento por muito longo prazo do plano iniciado por Ariel Sharon de retirada dos colonos judeus de amplos setores da Cisjordânia – plano conhecido em Israel como “hitkansut”, o movimento para dentro de fronteiras viáveis e defensáveis (também sob a vertente demográfica), e que deverão ser declaradas unilateralmente pelo país.

Estrategicamente, por outro lado, se voltar para o combate, Israel, dessa vez, precisará mostrar que sabe lidar de forma mais efetiva com um grupo que se esconde entre civis para atacar e que instala lançadores de mísseis em edifícios residenciais. Por aí se desenha o cenário mais provável!